

SUPLEMENTO CULTURAL

Sob a responsabilidade da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras
Coordenação: Geraldo Ramon Pereira - Contato: (67) 3382-1395, das 13h às 17h | www.acletrasms.org.br

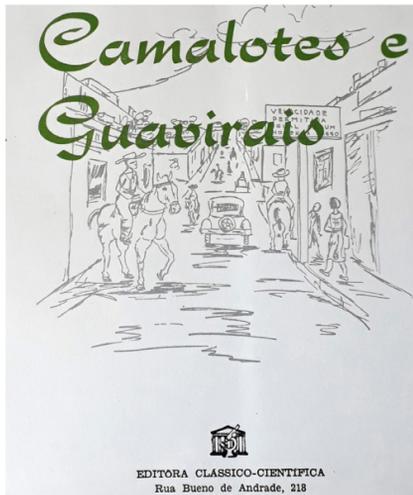
Motivos de um Título

ULISSES SERRA – fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Casa Cavassa, curiosamente adentrando-se pelo rio, Estaleiro do Puccini, Ladeira do André Avelino e o Porto de D. Emília, belos recantos de Corumbá, à margem direita do Paraguai. Mais bela a chácara do Miguel Ferro, italiano bom, patriarcal, de longas barbas brancas, desvelado amigo do meu avô materno. Nela, um pequeno e tranquilo veio-d'água serpeava carinhoso e murmurante sob um tarumeiro, ora copado de lindas flores lilases, ora pojado de frutos escuros e trescalantes.

Ao pé da chácara, ao sul, a barranca íngreme e calcária cheia de águas-pombeiras, veludinhos, tunas e ariticunzeiros. À sombra de um seputá, justamente onde o arroio se engolfava na imensa caudal, eu, Augusto e Rodes, meus primos, e mais o bugrinho Quirino, ficávamos na deliciosa tarefa de pescar lambaris para os socós, colheriros, baguaris e marrecas pantaneiras que a tia Catita trazia das encantadoras regiões do Taquari. Sua casa era pobre, porém engalanada de pássaros aquáticos, roseiras e do seu riso contagiante e franco. Além dos lambaris, pescávamos ferozes piranhas, pondo ao anzol até pedaços de pano encarnado. Encantava-me ver o vento fazer maretas, balançar a linha e sacudir as frondes, e sentir no rosto a sua morna carícia.

Largo, sereno, enfeitado de pássaros e de flores, o Paraguai rolava majestoso e plácido, belo como igual outro não vi. Carregava exuberantes vitórias-régias, brancas pela manhã, róseas ao sol-posto, e lentos camalotes, que exerciam sobre mim estranho fascínio. Cor verde-musgo, flor violácea e perfume suave, raízes longas, profundas, entrelaçadas e compactas. Vogava



Capa original de Camalotes e Guavirais

“Camalotes dos verdes e infindáveis pantanais de Corumbá, e guavirais desses dilatados chapadões, eis o motivo do título”

vam docemente no dorso da corrente, parando nos remansos, sem pressa, com pena de deixar ribeiras amigas, temerosos da foz e do mar que os iriam despedaçar. O poeta corumbaense Pedro Paulo de Medeiros assim os descreveu: “Verdes, ao léu, silenciosos,/ Ei-los a esmo passando, / Lembram barcos vagarosos / Sentidas mágoas levando. / Insisto num desconforto: / –

Que destino levais? / – Remoto! Ao nosso porto / não se volta nunca mais!

Da nascente à embocadura o Paraguai é homogêneo. Coloração das águas, barrancas, fauna alada e plantas aquáticas são curiosamente iguais e não me pareceu nunca um acidente geográfico a separar dois povos mas uma gigantesca espinha dorsal a uni-los sempre. Minha infância parece que vaga nas suas praias. É que se não tive nela atrações do asfalto, tive as desse rio, mergulhando e flutuando nas suas águas, de permeio com vitórias-régias e camalotes.

Adolescente galguei os altiplanos da serra de Maracaju e aqui me fiquei indiferente aos cantos de sereia que por vezes ouvi soar lá fora. A cidade me foi aconchegante. Deu-me muito, ofereceu mais. Meu primeiro clube de futebol, meus idílios, minhas excursões pelas estâncias vizinhas, a cata buliçosa das guavirais, a minha gente generosa e acolhedora, a Rua 14, os troles puxados a dois cavalos com japonês na boleia, as batalhas de doces e serpentinas são laços que me prenderam à terra galharda e dadivosa.

Se eu morrer alhures, onde quer que seja, morrerei um exilado e um proscrito de mim mesmo. Como sucedia aos antigos egípcios, minha alma, aflita e errante, esvoaçaria pelo Infinito sem nunca encontrar abrigo. Aqui não morreria de todo. Ouviria o passo e a voz dos meus amigos, o gorjeio dos pássaros que amo, o farfalhar das frondes que conheço e o bater do coração da minha casa.

Camalotes dos verdes e infindáveis pantanais de Corumbá, e guavirais desses dilatados chapadões, eis o motivo do título desta coletânea de crônicas perdidas em revistas e jornais. Evocam pessoas e coisas, árvores, riachos, pedaços de rua, naves de igreja, sussurros do Prosa e do Segredo, que são dolentes confidências que sei interpretar. Tudo se transforma em fragmentos da minha própria alma.

No interior da Palavra há a luz para o fim do túnel

ORLANDO ANTUNES BATISTA

A Ciência precisa de hipóteses e na Alfabetização são elas mais difíceis de serem construídas, pois desconhecemos nela os educadores vivendo a necessidade de se transformarem em Agentes de subjetivar para obterem melhores resultados diante das dificuldades existentes em sua própria habilitação profissional. Sem o Interdisciplinar o domínio semiológico na teoria da alfabetização encontrará dificuldades para ser vivenciado mediante treinamentos e manuais e no que tange ao seu desempenho no seu próprio processo de aquisição da língua materna e interesse em desenvolvê-lo o educador cada vez se tornará um prisioneiro num campo movediço.

Qual Didática usar e se explicar a invasão da Lógica e da Matemática sobre a Linguagem? Diante deste problema, sem uma teoria sobre o conceito de Palavra, as ações tenderão, inevitavelmente, a serem incoerentes e provocar desastres insanáveis numa política pública de educação. Se as estruturas no desenvolvimento cognitivo se submetem à autorregulação (a Metalinguagem se converte em nossa teoria numa mecânica, ensaiada por Maturana e Varela sob o rótulo de “autopoiesis”),

levando o educador a se tornar um Agente de subjetivação. O alcance deste propósito teve origem quando adotamos o conceito de Palavra, existente em Mikhail Bakhtin. Passamos a viver a Palavra deixando de lado a Psicolinguística com suas derivações e enveredamos nosso comportamento didático por uma nova área de trabalho, denominada exoticamente de Neuropsicofisicohologia. Só assim, a nosso ver, obtivemos condições de introduzir o conceito de Energia na Palavra e transformar o papel da Palavra numa verdadeira Ação visando compor o Conhecimento via “aprendizagem significativa”.

Considerando ter o aprendizado na aquisição da língua Movimento por estruturas lógicas, temos de verificar a presença de quais coordenadas interdisciplinares ajudariam mais o desenvolvimento para aprendermos a ensinar o uso da língua materna com mais qualidade e em menor tempo, mesmo o paradigma do princípio da incerteza estar envolvendo o comportamento científico na atualidade. O conceito de “estrutura”, nesse caso, estaria a meio caminho entre o sistema nervoso e o próprio comportamento consciente, pois, segundo Jean Piaget “A Psicologia é primeiro uma Biologia.” Ora, sob qual área de tra-

balho iríamos captar a “vida” acontecendo na caixa-preta do cérebro se inexistente uma comunidade interdisciplinar entre as Linguagens para auxiliar a teoria da alfabetização?

A teoria do conhecimento insiste para se viver na prática educativa o sujeito (Alfa) e o sujeito epistemológico (Ômega) se encontrando um dentro do outro, pois entre eles a Energia paira em ebulição, através das funções, dando margem à caixa-preta do cérebro de procurar sua própria autorregulação cujos limites estão em vias de pesquisa no campo denominado de Neuropsicofisicohologia. Ampliamos o conceito de Subjetividade, visto no *Dicionário de Narratologia* enquanto pertencente apenas ao Narrador. Por sua vez, no *Dicionário de linguística* (Dubois, 1973, 574) encontramos uma definição gramatical de Sujeito, fato a nos projetar no levantamento de hipóteses para se discutir o processo de distribuição de linguagem no processo de seriação dum sistema escolar. Por isto, diante de novos horizontes para se compor a construção de uma identidade técnica no alfabetizador, adotamos o slogan “Não formamos um alfabetizador e sim habilitamos um profissional!”.

[*Texto parte I – continua em outras edições deste Suplemento*]

A Guavira

RUI GARCIA DIAS (1935 – 2011)
pertenceu à ASL

Guavira, gabiropa ou guaviropa é um arbusto nativo dos campos de cerrado que produz um fruto do tamanho aproximado de uma uva e com a aparência de goiaba, cujo sabor acridoce não tem parâmetro na natureza capaz de facilitar sua definição precisa. A guavira dá com abundância em Mato Grosso do Sul, principalmente na região sudeste, próximo das divisas com São Paulo, Minas e Goiás. Dezembro e

janeiro são os meses do fruto sazonado, cuja colheita estimula os encontros sociais, geralmente alegres e estimuladores de atrações românticas. Catar guavira no verão às vezes gera namoro e aumento demográfico. É uma reunião lúdica incorporada à tradição rural que tende a acabar, com a destruição da vegetação nativa, substituída por pastagens e lavouras lucrativas. O ser humano gosta de ser expulso do paraíso.

Convidado para um almoço na fazenda Bela Vista, a uns 100 km desta Capital, pela BR-163, saída

para São Paulo, ao chegar lá foi-me mostrada uma área de preservação de um guaviral nativo. Fiquei surpreso e permaneci admirando aquilo por um bom tempo. Tudo trabalhado em volta, mas com um altar devotado à nossa plantinha símbolo – que já serviu de título ao livro de Ulysses Serra, *Camalotes e Guavirais* – ali estava aquele trato de terra, revelando o espírito elevado de um empresário respeitador da natureza, preservando uma dádiva incomparável. Se outros proprietários rurais desertassem para iniciativas assim, pondo a salvo o uni-

galhos, porque era apenas um pequeno teste da sua rigidez. Todas as folhas continuam a se agitar; mas, para elas, isto é apenas um beijo; ah! se as pessoas encarassem as pequenas dificuldades assim! Não haveria tanto sofrimento no mundo.

Agora, meus pensamentos estão presos aos meus passos e eles não querem parar; para trás ficam os rastros que, com certeza, logo serão apagados, porque neste mesmo espaço outras pessoas irão passar e não somos donos de nada, a não ser de nós mesmos.

+POESIAS

evecção

eu
você
lua
sol
evecção
perturbação
do movimento
orbital
dos anéis
planetários
que existem
no você
eu
sólidos
gasosos
esferas
plangentes
unguentos
cotejos
desejos

HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO

Caminhada

Há tanta estrada a percorrer
tanto sonho a realizar
tanto ainda por fazer
e tanto por vir!

Que importa saber onde fica
a finitude da estrada,
se o porvir acontece
todos os dias
durante a caminhada!

ILEIDES MULLER

Prisioneira

A poesia
desarma espíritos
mas quero usá-la como baioneta.

A poesia na gaveta,
não fecunda nem mata.
é estéril e covarde;
é a imagem do poeta simplesmente.

A poesia
não é símbolo,
mas quero usá-la como bandeira.

Se uma luta é verdadeira
que se trave a luta pioneira (?)
LIBERDADE! LIBERDADE!
Pois a poesia é PRISIONEIRA.

SÉRGIO FERNANDES MARTINS

Amor impossível

Qual de nós não lamenta
uma paixão perdida?
um amor que não veio a se realizar?
que parecia ser a nossa própria vida
e só trouxe ilusões a nos martirizar?
mil castelos de areia, sonhos indizíveis...
alimentando chama a nos devorar...
a alma angustiada, tormento de amor...
de um amor impossível
que o tempo levou!...

JÚLIO GUIMARÃES

verso de dádivas de nossa flora, por certo as gerações futuras compreendiam melhor a fartura dos nossos campos.

Fica a sugestão. Talvez ainda se criem as festas da cata da guavira, da cata do piqui, da colheita do marolo, etc., já que temos o carnaval, com micaretas e pantanetas esticando os folguedos, poderemos ter da uva, a festa do milho (no Chile), do tomate (Espanha) e tantas outras. Ainda espero ver a festa da colheita do murici, se restar alguém que saiba o que é isso – outra delícia em extinção.

O barulho de meus passos me desperta e vejo que estou quase na metade e a beleza do amor nunca me deixou solitária. Também não é possível andar tanto sem descansar. Acolho-me ao tronco de uma árvore seca, mas que ainda se serve ao mundo, então deixo de lado estes pensamentos para pensar porque não é possível chegar até lá. Ah! Meus pensamentos!... pensamentos!... A mente quando se cansa busca outras coisas a pensar. Pensar e sonhar são buscas para mudar.